

Pseudônimo: ALOIS QUESNAY

DOMINGO

**Alexandre Magno Alves
FAFICH - Ciências Sociais**

Meu corpo está abandonado no chão do apartamento, subjugado pelo calor e pelo tédio de não ter o que fazer. Fecho os olhos para tentar dormir um pouco, mas sinto apenas o suor aumentar, minhas costas estão coladas ao chão, completamente molhadas. Uma gota de suor escorre de minha têmpora e vai se alojar subitamente em minha orelha. Lá fora são três da tarde, na verdade são duas, pois estamos no horário de verão. Uma mosca insiste em andar sobre minha barriga, suas patinhas incomodam ainda mais. Com um gesto vago abano-a para longe, no entanto, ela é persistente. Passeia, limpa suas asas com as patas. Sei que ela vai morrer em breve e desisto de incomodá-la. Não quero que ela vá para a outra vida com uma má impressão de mim. Finalmente levanta vôo e desaparece. Me pergunto inutilmente para onde terá ido a mosca.

Levanto o pulso esquerdo, meu relógio não está nele, me lembro de tê-lo colocado sobre a cômoda. Não irei levantar para apanhá-lo. Sei que o tempo está passando. Isto já me basta, posso sentir em meus ossos. Os carros passam fazendo um barulho assustador, alguns cachorros latem desesperados. Talvez, felizmente, eu não seja o único incomodado. Alguém ralhara com ele daqui a pouco, o que de fato acontece, passados alguns instantes. Escuto uma voz esgançada. Fico tentando imaginar a forma do corpo pela qual sai a voz: uma gorda com um lenço de cor esquisita e um vestido florido que não combina com nada, avental e chinelo, provavelmente seu marido está sentado na sala, sem camisa, empilhando latinhas de cerveja, enquanto assiste a algum jogo de futebol pela televisão. Ele não pensa. Sua capacidade de fazê-lo acabou há muito tempo, junto com o aumento da gordura de sua mulher e o crescimento dos filhos. Escuta a

voz de sua esposa e lembra como ela era bonita quando se conheceram, mas a imagem logo desaparece, ofuscada por um gol que acabava de sair. O centro-avante dribla três zagueiros do time adversário e chuta cruzado, a bola ainda bate na trave antes de entrar.

Mas talvez seja uma velha muito magra, um saco de ossos, toda enrugada como uma uva passa. O vestido florido permanece, tiro o lenço de cor esquisita e o avental, talvez use um sapato baixo ao invés de um chinelo. Seu marido lê o jornal do dia na varanda. De vez em quando alguém lhe cumprimenta. Preguiçosamente retira os olhos do jornal e devolve o cumprimento. Está indignado com a política no país, segunda-feira irá receber sua aposentadoria. Ajeita os óculos no rosto e volta ao jornal. Solta um suspiro e tosse. O filho mais novo do vizinho chora. "Hoje eu não acabo de ler este jornal!", pensa.

Meu corpo se recusa a levantar para olhar pela janela, não vou brigar com ele por causa disto.

O telefone toca uma vez, não faço menção de atendê-lo apesar de querê-lo; mais uma vez faço um esforço e estico o braço direito e pego o fone, levo ao ouvido. "Alô!", ouço o clique e o sinal do fim da ligação. Fico com o fone no ouvido pensando por que alguém faria isto: ligar para outra pessoa e quando esta atender, desligar. Isto acontece aqui todos os dias. Estou cansado. Uma gota de suor escorre de minha axila enquanto ponho o fone no gancho novamente.

No apartamento de cima alguém deixa cair um objeto no chão. Uma brisa entra tímida pelo quarto onde estou, um arrepio de calor percorre meu corpo. Mexo com os dedos dos pés. Olho para o teto e fico sorrindo por algum tempo como um débil mental. Também não procuro pensar em nada, aliás, minha cabeça está oca. Agora tenho a impressão que sempre foi. A mosca volta e pousa em meus lábios, assopro e ela desaparece de novo. Viro meu rosto para a esquerda, fixo cada sujeira no chão, o quarto está precisando de uma limpeza. As paredes estão manchadas também. "O que a faxineira faz aqui duas vezes por semana que não vê isto?" Mas o calor impede que minha cólera vá além disto. Desisto.

Hoje é domingo e todas as coisas estão mortas. Tudo morre num dia como este, simplesmente a vida se esvai, escorre feito enxurrada em direção ao esgoto. O relógio da igreja bate quatro horas. Ainda teremos mais três horas de luz, ou seja, mais três horas de calor, ou então, vou ficar mais três horas suando. Tudo bem. Domingo é assim mesmo, um dia para se esquecer que está vivo.

Só lembrar de viver na segunda-feira de manhã. Mas tem gente que leva isto muito a sério: morre no domingo e nunca mais se levanta numa segunda.

Algumas pessoas passam gritando o nome de um time de futebol. Provavelmente o marido da senhora gorda de lenço na cabeça esteja feliz, seu time não vence uma partida há duas rodadas. Sente vontade de sair e se juntar ao coro dos torcedores, mas sua mulher chega, senta ao seu lado, mais ou menos como se não o visse, troca o canal. Na tela, um apresentador de aspecto irritante berrava bobagens com sua voz ainda mais irritante num programa de auditório. Ela sorri e ele também.

Irritado, o senhor tira os olhos do jornal: "Vandálos!", pensa. Sua esposa (a uva passa), caminha claudicante por entre os canteiros de flores no quintal da casa, de tempos em tempos, de acordo com que sua visão já cansada consegue ver, apanha uma erva daninha e a atira em outro canteiro. Às vezes ela se pergunta por que elas nunca acabavam. Faz isto pelo menos um vez por dia. Seu cachorro late, ela o olha, ele se cala. Entra em sua casinha e se deita, olha de um lado para o outro e dorme. Suas orelhas feridas abanam as moscas enquanto tenta dormir. Sua respiração é rápida. O calor não é só um problema meu.

Volto a observar o teto, sobre minha cama há uma mancha tal qual uma auréola, pois fica exatamente sobre a cabeceira. O relógio bate cinco horas. O dia está acabando. Apesar de não gostar de domingos fico um pouco triste: tenho que trabalhar amanhã, fazer algo que não gosto.

O barulho do telefone me prega uma peça. Fiquei sobressaltado com seu som estridente. Toca uma vez. Novamente penso em não atendê-lo: "Pode ser o idiota que liga e depois desliga na sua cara.". Toca novamente. Atendo esperando que desligue; do outro lado uma voz, demoro a reconhecer. O estado de torpor causado pelo calor me deixou meio zozzo. Instintivamente me levanto, minha cabeça roda, fico um pouco tonto, respondo ao segundo "Alô!". Recosto em uma poltrona num canto qualquer do quarto. Agora posso enxergar lá fora. De certo modo, as coisas ficaram sem graça, afinal, estava vendo como as coisas são, não podia imaginar como seriam. Por exemplo, não era nem uma senhora gorda nem uma velha enrugada muito magra, mas uma garota de aproximadamente quinze anos que havia ralhado com o cachorro. Não havia canteiro de flores nem um senhor lendo jornal na varanda, somente uma casa velha

com as paredes encardidas pelo tempo, um cachorro sujo amarrado a um cano de PVC que descia do teto e desaparecia no chão. Ou será vice-versa?. Menos mal, também não existia a gorda e seu marido sem camisa empilhando latinhas de cerveja. Não pelo jeito de serem, mas pela falta de amor que existia entre ambos.

Respondo à voz com monossílabos, não quer dizer que não queira conversar, o problema é que estava há bastante tempo sem falar com qualquer um, não conseguia articular minha fala além de alguns “é”, “hum-hum”, etc. A bem da verdade, a outra pessoa me interessava bastante.

Um rato passeava sossegadamente em um terreno baldio, enquanto isto podia ver a cozinha do restaurante do lado, de vez em quando o rato desaparecia por entre os entulhos, precisamente pelo lado do restaurante, voltando logo em seguida com algo na boca. Disse a mim mesmo para pensar duas vezes antes de almoçar ali amanhã. A facilidade com que caminhava pelo seu território me impressionava. Seria apenas um ou uma família?

Com o passar do tempo a conversa foi me chateando. Uma mulher toma sol de biquíni na laje de sua casa, sua irmã mais nova estende algumas roupas no varal, quase todas são calcinhas. Daqui parecem conversar. A mais velha ri de algo que a outra lhe conta. Abro um sorriso também. O rato dá outra volta pelo terreno e o movimento na cozinha do restaurante aumenta. Alguém deixa cair um prato que se transforma em milhões de pedaços. O chão fica salpicado de pontos brancos. Um gordo sebooso recrimina um rapaz, um franzino, de cabeça oval e nariz fino. Abaixa a cabeça, apanha uma vassoura e começa a varrer o chão.

O rapaz gostaria de estar em outro lugar. Fugir. Mas sua mulher, uma moça de dezessete anos, está no último mês de gravidez. Na verdade ele a ama muito, não gostaria de abandoná-la com o filho ainda novo para criar. Seus olhos ficam marejados de lágrimas, respira fundo, continua a varrer. Se ao menos seu pai não o tivesse expulsado de casa... Sentiu ganas de enfiar uma faca na barriga do gordo sebooso quando ele o tratava como um animal. Porém, sua raiva já havia passado. Poderia até sorrir para o gordo sem sentir nenhum rancor. Por ser assim não tinha amigos nem inimigos, a não ser ele mesmo e sua jovem esposa. A única mulher que tivera até então. Ele também foi o primeiro de sua vida. Se conheceram numa festa de Santo Antônio em sua cidade natal no interior. “Aqui”, ele dizia, “nós vamos ganhar muito dinheiro e eles vão ter que nos aceitar de novo.”

A juventude de sua mulher fazia com que acreditasse naquelas palavras.

Batem seis horas, a cruz do alto da igreja, eu não havia notado, era cor-de-rosa como um vestido de debutante. Começou a tocar uma "Ave-Maria" que parecia uma caixinha de música amplificada. Algumas senhoras subiam a rua para a missa. Finalmente a voz me deixa. Não sei... acho que havia um tom de decepção na voz. Pro inferno!

Sentado, observo o sol se pôr, algumas luzes vão aparecendo devagar. Um carro do Corpo de Bombeiros passa a toda velocidade, logo atrás um ambulância. Minutos mais tarde a ambulância volta carregada com os corpos de dois irmãos que morreram afogados. Passaram o dia inteiro comemorando o aniversário de um deles. Decidiram nadar em uma lagoa bem próxima de onde moravam. O que estava aniversariando começou a afogar, o outro, tentando salvá-lo, afogou-se também. A mãe, uma senhora diabética, está internada em um hospital com problemas no coração.

O telefone toca. Era o idiota novamente, desligou após eu atender. Me levanto, vou ao banheiro tomar banho, faço a barba e acabo me cortando. O banho não refresca em nada, começo a suar novamente. Tento ler algo. O grupo de torcedores passa gritando e buzinando. Por um instante tenho vontade de estar junto deles, mas desisto logo em seguida.

O tempo passa, o sono vem e me leva para cama. É o fim de mais um domingo.

Na segunda sou despedido. Fico sabendo que o carro dos torcedores capotou e morreram todos os ocupantes, o rapaz franzino, após uma discussão brava com o gordo seboso, esfaqueou o cara treze vezes, na fuga foi atropelado por um ônibus que vinha em alta velocidade, dirigido por um motorista embriagado (segundo testemunhas). O cachorro morreu na terça de velhice. A mãe dos dois afogados passa bem e já está em casa...

A última vez que a mosca foi vista foi na madrugada de segunda-feira em uma poça de sangue do rapaz franzino. Afogou-se.

F I M ?